

Digo, comovido: os benefícios colhidos saíram como águas fora do seu leito, e germinaram. Alegrias espalharam-se pelos velhos e conhecidos caminhos, caprichosos movimentos foram usados para inovar a graça e o brincar. Um tom de festa expressa o que não cabe mais dentro de mim; o milagre de animar distribui contentamento, tumultua o sossego, cria alarde na monotonia, deixa mais leve e mais fácil a tristeza. Reúne, concilia, atrai.

O atual humor de reunir todos maus humores no corpo reanima o sonho de envelhecer sem decadência. Uma imensa e comum esperança rege a fantasia em muitos de meus momentos. Sabendo-me de sua inutilidade, nada me impede de reanimá-la, de tempo em tempo.

Ainda assovio quando só, visando fazer-me companhia com um ruído que possa controlar meus medos infantis, encravados e permanentes. Cato lembranças que imponham armistícios. Confirmo a vontade de ocupar esses vazios.

Desvendo o amanhã que me garanta menos perdas e quase nada de mistérios, que eu possa sondar e prever tudo o que poderei perder. Tento erguer o futuro para vê-lo mais nítido, mas o tempo não me concede o saber. Esse meu amor não entende de realidades, voa em direção aos enigmas inventando certezas, tentando dar forma humana aos sonhos e feição ao imponderável.

Nesses temporais se misturaram as origens até unirem-se como amantes. Nem a memória saberia guardar os episódios vividos, tal prática que faz entrar a alma motivada dentro do corpo inspirado, submergido numa fusão capaz de distribuir bondades, mostrando os ossos fortalecidos, as feridas saradas, os desejos mais loucos.

Aqui, será dito em honra ao amor que todos os sonhos ganham força, se unem à realidade para misturar à vontade e realização. Abandonados os vícios, os crimes, as mentiras e o ridículo, já não se esconderão as dúvidas, os prantos. Os empenhos farão valer sua presença excluindo os desapontamentos, incluindo precedentes com êxito. Aqui a alma não responde às pressas do corpo. As pacientes sementes do amor esperam acalmar a tempestade da paixão.

Às vezes fico feliz com a desgraça dos desgraçados.

Internamente, mantenho um banco de delicadezas, embora não saiba depositá-las. Permaneço na posição de quem segue o planejado, sou como um rio que se espera chegar ao mar. Antes preciso curar as feridas.

Evito uma fuga que favoreça a deserção da alma.

Os códigos que disciplinam minha ânsia discursam na minha consciência um rosário de comportamentos incessantemente obedecidos, penetravam em mim vendendo as vantagens da obediência. Nunca tive muita coragem, embolsei em meu patrimônio um medo que me alertava a não me meter a discutir com os santos, muito mais porque me afirmaram categoricamente que eles eram os representantes de Deus. Sujeitei-me às disciplinas sem discernir os méritos de cada ordem.

Corro em todas as brincadeiras sob o olhar que controla, não admito invenção de itinerários. Trato de explicar que valem os disfarces, que eles fazem parte do jogo. Disponho da paciência, da hora, da vontade, provoco-me a voar, não sou obrigado a saber tudo o que querem que eu saiba.

Com esforço tamanho, desviei-me do gosto dos demais, e essas obrigações anônimas provocaram partidas, inventaram o silêncio, o isolamento e sequestraram minha capacidade de sonhar.

Esqueceram-se de dizer-me que se morre mais de uma vez. Que se vai um pedaço cada vez que desaparece um amor ou uma pessoa querida. Propositadamente deixaram-me desavisado para poupar-me sofrimentos. Dessa forma, adiaram minha consciência porque não se pode poupar dores, elas acontecem sempre onde escolhem acontecer, acompanhando as ofensas ao corpo, o luto das perdas e alcançando as terminações da alma para doer mais fundo e permanente.

Exclamo, surpreso, entusiasmado, toda vez que ouço uma voz antiga portadora de uma esperança retomada, feito os segredos arcanos plantando novos frutos. Minhas recordações transformam minha intimidade. Intactas, são capazes de expulsar a desistência, produzir esperança aguda e fazer-me uma calorosa companhia.

Caminhos já andados, reservo as façanhas que requerem atualização. Fecundo o olhar que vê a recorrência da primavera, insistente em subverter o descuido, surda aos anúncios da maldade.

Nesta época sem privilégios, escapo do tempo da forma que melhor me convém. Será preciso esperar até que uma história ou outra invada a minha com pretensões de mudanças. Caso isso aconteça, exercerei uma sensata fuga das armadilhas deste mundo que nos governa.

Apareço e desapareço nos lugares onde, às vezes, tenho entrada livre, embora em outras tenha o acesso vedado. Já não filtro as pegadas. O farol manipulado me joga contra as pedras, não posso favorecer-me dos meus sentidos, eles fluem noutra dimensão. Tudo aquilo que era o mundo em que eu vivia, hoje oscila entre colunas nas quais me escondo. Já não faço nascer em mim perguntas, esqueci respostas. Apago a luz.

Minha alma decidiu reunir todas as minhas partes. Como um livro de páginas arrancadas, a memória excluída diria algo de mim que não quero ouvir. Minha alma insiste em ser meu espelho, ainda que sem glória, ela acaba com todos os meus cálculos mentais enquanto penso se devo seguir oferecendo-lhe resistência.

Difícilmente conluo o poema que diria tudo o que significa para mim. Faltam-me palavras, sem as quais não há relato. A lógica que me governa a inspiração se perde na desorganização que esse amor me provoca. Ele é tão fortemente sentido, que transforma tudo para mim quando dele me aproximo. Ao falar de tuas predileções, choro, me auto-proclamo, auto-promovo, me apodero das escutas, apreendo todas as versões, prometendo um final feliz, sobretudo para que nele fiques envolvida, esperando ser desvendada.

Se dependesse de ti, minhas escolhas não passariam de ajustes constantes na mesma direção, em cujo foco sempre estás tu. Todas as autorias te conferem a constância da homenagem, do testemunho de quanto contribuíste para legitimar todos os sentidos, as vocações deste meu amor nem sempre bem resolvido. Cultivo essa tua humanidade virtuosa que me satisfaz a vontade de fabricar novidades para brincar com tua surpresa, faço do teu espanto um efeito que me dá sentido para ir ao teu encontro com margem para sonhar.

O percurso da poesia atravessa a noite, alterando minha perplexa agonia. Rememora o corpo jovem, ausente, impossibilitado de reproduzir-se, expatriado. Ainda que tente enganar, apresenta-me como se eu fora outro, todos reparam nos meus conhecidos

defeitos, nas minhas velhas manias, minhas inevitáveis impaciências, consequências do excesso de paciências mal usadas. Enquanto prossigo meu trabalho, a voz acompanha a rima, progressivamente revela uma desolação sem escrúpulos: esqueci-me da palavra que consola e que acalma a aflição.

Um grande segredo ultrapassa a surpresa e o espanto, encarna a escuridão que acompanha a progressão dos anos. Estou ficando íntimo do desconhecido que tenta encantar pelo mistério. Enfeitiça pela curiosidade, se move num território que não me pertence. Busco alguma evidência que me acalme diante do caos que tenazmente faz em mim uma morada prolongada. Nada a comemorar, minha vida declina diante da fatal aceitação da perda. Os anos, dispostos ao avanço, estão para confirmá-lo. Um bem sucedido empurrão coloca a sombra adiante do passo que tão lento desacompanha o meu corpo, aprendiz que já não questiona a própria natureza. O tempo fincou outro rosto no meu.

Prefiro os afetos francos, expostos, que agitam as inquietudes, despertam a frieza, exorcizam a esterilidade. Os afetos francos consagram uma vocação necessária para que o entusiasmo se inspire.

Faço uma declaração de amor que é quase um pronunciamento. Ponho poesia e sabedoria nesse quase delírio quase paixão. Revelo que a vida exaltou todas as energias. Usando todos os prestígios disponíveis, todas as influências, toda admiração, irrompem nestes afetos francos rotas de fuga que permitem escapar destas pessoas estranhas que me rodeiam.

Nas minhas veias correm histórias, sentimentos, medos de que não possa desfrutar-te como minha melhor novidade, sem propósito outro que não seja me doar em todas as dimensões, ser importante para ti, recuperar todos os dias o bom humor que me sustente interessante, boa companhia.

Não há mais espaço para o que me importa. Agora sei o quanto é sério controlar tantas vontades. Possivelmente, forças acessórias, relegadas a um canto em desuso, recuperam sua ânsia para atendê-las. Quando eu já estava silencioso despejaram em mim um desfile de urgências importantes. Enquanto me debato, estou farto de abraços breves, de retiradas sem aviso, de tantas bocas usadas, de tantas almas magoadas. Todas as proteções tentadas ficaram nas promessas, todos os refúgios ocupados. Cato enredos para definir a próxima cena.

Pensa em mim. Quando terminares a guerra, junta os pedaços. Não fica desapontada, as dores conjuntas foram piores. O medo irá passar. O amor se esquecerá.

Ornadas de vicissitudes, falo de iniciações, de puerilidades. Nutro vida, promovo uma imitação da natureza, fascinado, ocupando um lugar inspirado, dou prosseguimento; escrevo.

Ingênuo que fui, ao tentar desvendar o enigma dos teus maus humores. Onde se refugiaram tuas alegrias?

Confesso ter restrições, tenho uma pendência com meu desejo, não consigo afastar-me dele, só me intimizo seletivo, empreendo rituais de conquista, abraços com carinhos, promovo e espero impactos emocionais, completos, frontais, aceitados totalmente, sem resistências.

Tu como eu, conheces certamente a dor da dor, o horror da solidão, o vazio do exílio. Mostra-me todos teus disfarces para que não use o único que tenho.

Não tivesse eu deixado vestígios dos meus passos, já nada haveria; minhas mil emoções não houvessem composto uma história, tantos afagos teriam ficado apenas imaginados.

Completemo-nos, visto que não há risco de misturar-nos mais do que já estamos. Nossas ânsias escorregam por nossas peles buscando ir fundo. Não podemos estar perto sem ancorar-nos e termos a sensação de que um escudo nos protege da loucura definitiva.

Guiado por uma ordem, movido por um instinto, a cada dia findo invento novas aventuras para alegrar cada amanhã. Musico as noites, invento poesias passageiras para tornar o encontro mais livre e as declarações mais disfarçadas.

Li muito mais para buscar inspiração, vocabulário e companhia. Nessa minha vontade de escrever, suavizei minha ignorância a cada nova leitura. A escrita é uma arte que se aprende sob determinadas circunstâncias. O ato de escrever culmina no gesto de preocupar-se em cuidar da palavra.

No dia que dedico a te esquecer, guardo um retrato, ainda aprisionado pelos temas, poesias e perfumes que insistem em estampar-te teu rosto, em hospedar-te, dar presença a tua falta.

Meus pés voavam como velas sopradas por ventos a favor, alguma ilustre e casual muda a face dos tempos falando-me da importância da paciência como reparo da pressa.

Há demônios que nos cercam, habitam nossos entornos, sedutores. Por meio de arranjos não se preocupam com os humanos rebaixados a “coisas” manipuláveis. Frente a essa inclusão alienante, os humanos despojados da dignidade, aceitam desorganizar-se em seus valores.

De onde venho, feito barro, sangue, memória oferecida, histórias loucas, migrações por fome, por guerras consumindo o sangue dos inocentes? Venho de cruzar mares, desertos, venho de andar em silêncio, de gritar de medo, de não dormir de noite ouvindo a voz do pensamento acariciando meu passado.

Os primeiros e os últimos estão confundidos com o barro, com o ar tornado pó original, o fogo, berço do sol, a água nos jardins tornada fonte, espelho e movimento. O que foi deles será nosso e dos que nos sucederem.

Pela residência dos mortos andam almas infelizes, anjos descompensados, diabos disfarçados, santos degradados, mulheres apressadas, homens atrasados, crianças abandonadas, jovens enganados, excluídos de todos os tipos, imigrantes do mar e da terra.

Em que versos cabem minhas penas, as dores que se cravam no meu peito quando vejo a pobreza cravada na infância, assassinando as inocências.

As portas e as janelas têm memória de corpos suspensos, entrando e saindo, com o olhar na borda da espera.

Pretendo fazer pensar, tirar as verdades alternativas, deixá-las no osso, descarregando-as mediante o exercício sistemático de convencimento para separar a mentira fantasiada da verdade. Pretendo suspender a prepotência publicada, reduzindo o absurdo que evidencia e valida o uso do engano intencional.

Há fantasias ruidosas, há fantasmas tristes, há fadas que não esperaram a hora, há lágrimas que comemoram, há amores destemperados, há misérias sustentadas, há riquezas pesadas, há falsos diamantes, há humildades verdadeiras, há recordatórios, há orgulhos repetidos, há a ausência de sentidos, há cópias, há extermínios, há a purificação, há o perdão, há a boa companhia, há o espanto, há a vergonha entre o sim e o não.

Protagonista de esse episódio que estorva o corpo, um ruído, um desequilíbrio, um olhar de entrega, um riso descontrolado, um suor confessional humildemente avisando rastros de humanidade fugidos dos esconderijos, cópias inapropriadas, versões exageradas postas à prova no confronto das impurezas com a realidade.

Uma maneira de obter as graças dos portadores seria dominar-lhes a sede de elogios, declarando-lhes aquilo que eles precisam ouvir.